



## Capítulo 1

# Perspetivas macroeconómicas em África

Este capítulo analisa as condições macroeconómicas nas diversas regiões e países de África, bem como no continente como um todo. Salienta as tendências de crescimento verificadas no passado e projeta o crescimento para 2017-18 tendo por base as dinâmicas e choques prevaletentes ao nível global, regional e interno. Ele examina os principais fatores de crescimento, tanto do lado da oferta como da procura, e disponibiliza uma comparação regional, baseada na estrutura das economias africanas. Este capítulo analisa, igualmente, as políticas orçamental, monetária e financeira, assim como as componentes externas que sustentam o desempenho recente do crescimento e que provavelmente modelarão as trajetórias de crescimento dos países africanos no futuro.

# SÍNTESE

# EM

Em 2016, o crescimento económico em África continuou a deteriorar-se, em particular devido à queda dos preços das matérias-primas, sendo os países exportadores destes produtos especialmente afetados. Apesar desta tendência, a maioria dos países não-exportadores de matérias-primas mantiveram um crescimento positivo. A perspetiva de crescimento em África para 2017-18 é positiva, sendo esta baseada no aumento previsto dos preços das matérias-primas e da procura interna.

A procura interna continua a impulsionar o crescimento em África. Entretanto, a melhoria da gestão macroeconómica e do ambiente de negócios, bem como uma maior diversificação contribuirão para a resiliência do crescimento africano em 2017-18.

Os países com políticas orçamentais, monetárias e cambiais mais coordenadas e consistentes são capazes de enfrentar os choques. Os países considerados seguros para os investimentos (devido, por exemplo, à coerência de políticas) conseguem acomodar maiores desequilíbrios externos durante períodos longos de turbulência, independentemente dos seus parâmetros de governação macroeconómica.

## Sabia que...?

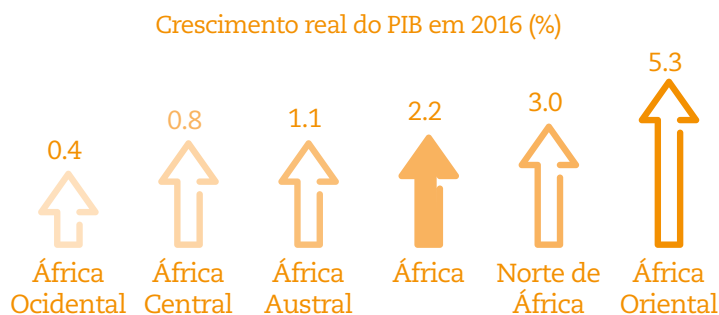
- Apesar da desaceleração económica em 2016, as perspetivas de crescimento em África são positivas, denotando uma grande resiliência, ancorada principalmente na forte procura interna.
- O crescimento em África está menos dependente dos recursos naturais e é cada vez mais propiciado pela melhoria do ambiente de negócios e da governação macroeconómica.
- O aumento da diversificação no plano estrutural veio a melhorar significativamente a capacidade do continente africano suportar choques externos.
- Perante o enfraquecimento dos parâmetros a nível macro, a estabilidade das políticas é importante para mitigar desequilíbrios externos.

Após um abrandamento, as projeções para o crescimento africano são positivas



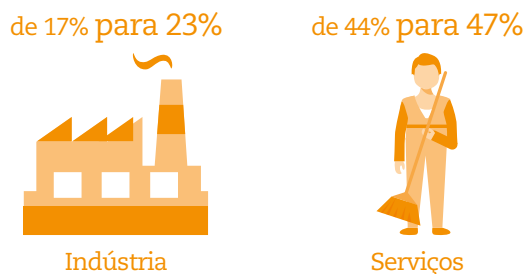
## Perspetivas macroeconómicas em África

A África Oriental mantém a liderança no crescimento regional



Uma maior diversificação contribuiu para tornar o crescimento mais resiliente

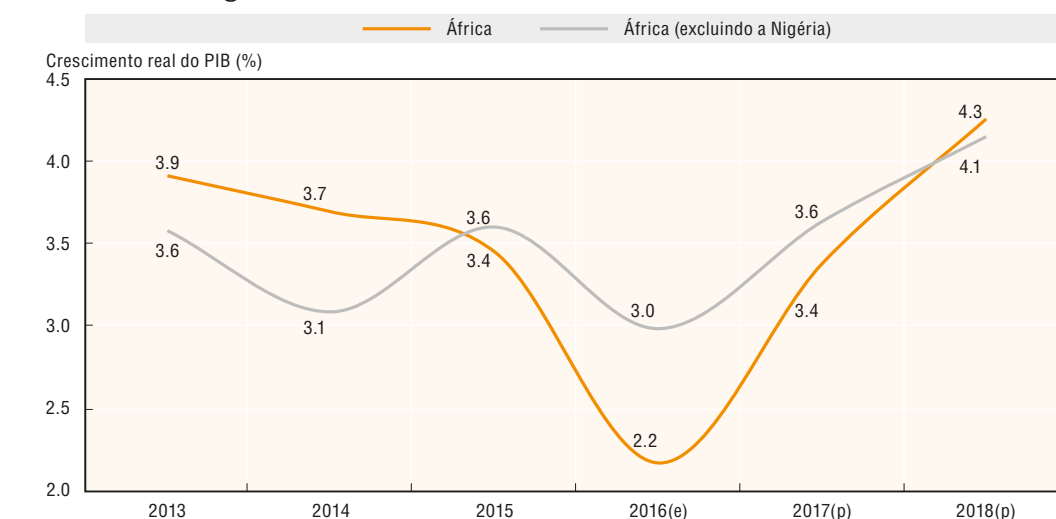
Entre 2000 e 2010, houve um aumento do peso destes setores no crescimento



## A resiliência do crescimento em África foi testada, mas existem bases para maior crescimento no futuro

A queda nos preços das matérias-primas, verificada até ao início de 2016, testou a validade da narrativa sobre um continente em ascensão (*"Africa rising"*). A taxa de crescimento africano decresceu de 3.4%, em 2015, para 2.2% em 2016. Este abrandamento do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) destaca a importância de algumas grandes economias no desempenho geral de África, em 2016. A Nigéria representa 18% do PIB de África. A recessão registada no país teve, portanto, um impacto negativo maior no crescimento do PIB em África do que as recessões no Chade ou na Líbia (Figura 1.1). Apesar deste decréscimo, prevê-se que a trajetória do crescimento africano continue a demonstrar resiliência. Isto deve-se ao reforço da procura interna, à melhoria da governação macroeconómica e a um ambiente de negócios mais favorável.

Figura 1.1. Crescimento económico em África, 2013-18



Fonte: Adaptado do Departamento de Estatística do BAD.  
StatLink <http://dx.doi.org/10.1787/888933474872>

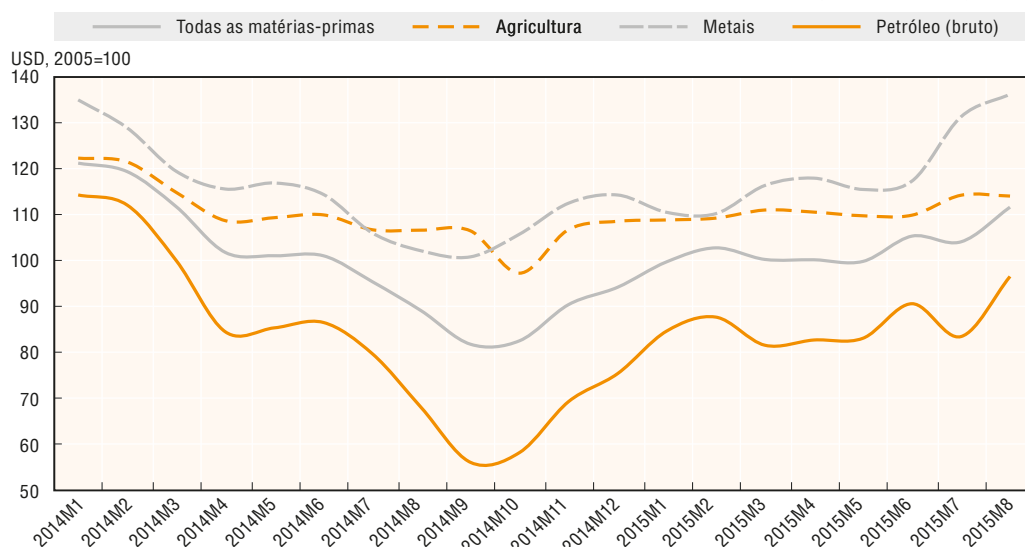
Embora a desaceleração do crescimento esteja concentrada particularmente nos países exportadores de matérias-primas, vários fatores contribuíram para um desempenho geral pouco animador em 2016. Entre estes, estão os efeitos latentes da Primavera Árabe, o abrandamento da recuperação económica global – incluindo nas economias emergentes (nomeadamente, a continuação do crescimento lento na China, atualmente um grande parceiro comercial de vários países africanos) – e os encontros de más condições climáticas e secas em vários países do continente.

### A recente queda dos preços das matérias-primas tem abrandado o crescimento

O declínio dos preços das matérias-primas, iniciado em meados de 2014, teve um impacto devastador em vários países africanos exportadores destes produtos. Os preços das matérias-primas não energéticas decresceram 6% entre 2015 e 2016, particularmente os preços dos metais e minerais. Em 2016, os preços médios dos metais estavam 6% abaixo dos verificados em 2015, principalmente devido ao enfraquecimento do crescimento na China. Os produtos agrícolas continuaram estáveis, embora o índice de preços das matérias-primas agrícolas tenha decrescido de 83 USD, em 2015, para 80 USD, em 2016, fruto da escalada dos subsídios e do aumento da produção. Os preços da energia em geral registaram uma diminuição entre 2014 e 2016. Os preços nominais do petróleo bruto

(crude), por exemplo, diminuíram de um máximo de 114.8 USD por barril, registado em junho de 2014, para um mínimo de 28.9 USD, em janeiro de 2016 (Brent, preço de mercado). O índice de petróleo bruto (Figura 1.2) caiu de 203.05 para 56.06 no mesmo período. Apesar da alta dos preços do petróleo bruto no segundo semestre de 2016, a média do preço do crude manteve-se nos 43 USD por barril, 16% abaixo do preço médio em 2015, o que afetou negativamente o desempenho do crescimento em 2016.

Figura 1.2. Índice dos preços das matérias-primas, mensal (2005 = 100)



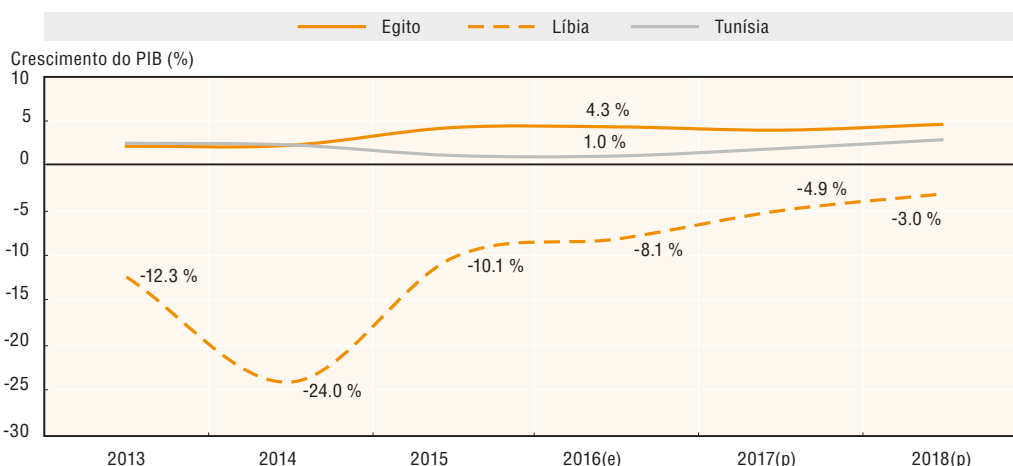
Fonte: Banco da Reserva Federal de St. Louis (2017), <https://fred.stlouisfed.org/series/PALLFNFINDEXQ>.  
StatLink <http://dx.doi.org/10.1787/888933474884>

A queda dos preços do petróleo pode ser atribuída a fatores do lado da oferta e da procura. Os fatores do lado da oferta incluem a produção de petróleo de xisto (shale) pelos Estados Unidos e a decisão da Arábia Saudita de aumentar a produção para manter a sua quota no mercado global. Entre os fatores do lado da procura, estão a desaceleração económica dos mercados emergentes e a queda das importações de petróleo nos Estados Unidos. Consequentemente, a taxa de crescimento nos países exportadores de petróleo, como a Argélia, Angola, Nigéria e Sudão, decresceu drasticamente, de 3.3% em 2015 para 1.6% em 2016. Em 2016, estima-se que a Líbia registre uma contração de -8.1% e a Guiné Equatorial de -8.2%, enquanto o Chade e a Nigéria deverão ter um crescimento real negativo do PIB de -3.4% e -1.5%, respetivamente. Na África do Sul, uma das maiores economias e país exportador de matérias-primas não energéticas em África, a diminuição da atividade das minas e pedreiras, entre outros fatores, resultou num fraco crescimento em 2016, na ordem dos 0.4%.

### As repercussões da Primavera Árabe e as bolsas de conflito em todo o continente dificultam o crescimento

O segundo fator que prejudicou o crescimento deriva das repercussões provocadas pela Primavera Árabe, que se alastrou da Tunísia para o Egito e para a Líbia, causando uma redução significativa do crescimento na região do Norte de África. O Egito e a Tunísia recuperaram em certa medida, mas a Líbia encontra-se ainda em recessão, não obstante o crescimento ter melhorado ligeiramente, de -10.1% em 2015 para -8.1% em 2016. Esta contração foi, assim, menor do que a queda de -10.1% verificada em 2015. A deterioração continuada da economia líbia é um resultado direto da Primavera Árabe e da queda de Muammar Gaddafi, que gerou instabilidade política e reduziu a produção petrolífera, que está atualmente a um terço do seu potencial. Este problema foi ainda agravado pela falta de diversificação da economia líbia.

**Figura 1.3. Crescimento nos países do Norte de África afetados pela Primavera Árabe, 2013-18**



Fonte: Adaptado do Departamento de Estatística do BAD.  
StatLink <http://dx.doi.org/10.1787/888933474897>

Vários países africanos continuam em situação de conflito armado, o que prejudica a atividade económica, limitando consequentemente o crescimento económico. Embora o número de países afetados tenha diminuído ao longo da última década, África ainda representa a maior parte dos conflitos armados no mundo. Em 2016, o Burundi, a Líbia, o Mali, a Nigéria (Boko Haram e os Militantes do Delta do Níger), a República Centro-Africana, a República Democrática do Congo, a Somália e o Sudão do Sul estavam entre os países africanos com conflitos armados ativos. Verificam-se, igualmente, bolsas de conflito nos Camarões e na Etiópia.

### O crescimento económico arrasta-se, devido à lenta recuperação global e à desaceleração dos mercados emergentes

Um terceiro fator que continua a abrandar o crescimento em África é a lenta e frágil recuperação económica das economias avançadas e dos mercados emergentes, particularmente a China. As previsões efetuadas em janeiro de 2017 pelo *World Economic Outlook* do FMI (ver Tabela 1.A1.2 no Anexo 1.A1) revelam que a economia mundial expandiu-se apenas 3.1% em 2016 e que deverá existir uma modesta retoma nos anos seguintes, atingindo 3.4% em 2017 e 3.6% em 2018. As perspetivas são piores para as economias avançadas, que deverão crescer 1.6% em 2016 e depois recuperar ligeiramente para 1.9% e 2.0%, respetivamente, em 2017 e 2018. Espera-se que as economias dos mercados emergentes e em desenvolvimento (EMED) mantenham a sua dinâmica de crescimento, registando 4.1%, em 2016, e prevendo-se que cresçam 4.5% e 4.8%, respetivamente, em 2017 e 2018. As economias emergentes e em desenvolvimento da Ásia (China, Filipinas, Índia, Indonésia, Malásia, Tailândia e Vietname) impulsionam o desempenho das EMED, registando um crescimento de 6.3% em 2016 e uma previsão de 6.4%, em 2017, e de 6.3%, em 2018.

No entanto, o crescimento na China continua fraco se comparado com anos anteriores, estimando-se que desça dos 6.9% registados em 2015 para 6.7% em 2016, e diminuindo ainda mais em 2017 e 2018, com taxas de 6.5% e 6.0%, respetivamente.

A desaceleração da economia chinesa deve-se, principalmente, à transição do enfoque no investimento e na indústria transformadora para o enfoque no consumo e nos serviços. Apesar disso, o governo manifestou a intenção de continuar a aplicar um pacote de incentivos por meio de crédito barato disponibilizado, na sua maioria, por bancos públicos.

As exportações de África para as economias emergentes são compostas, principalmente, por petróleo e metais, sendo dominadas pela China, o que expõe o continente a choques ao

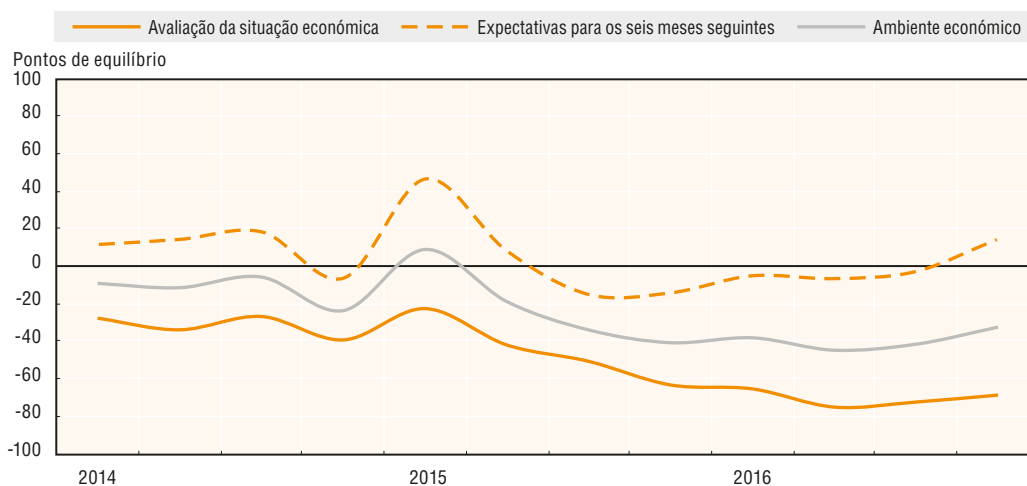
nível da procura global. Atualmente, a China é destino para 27% das exportações totais do continente africano, sendo que 83% das exportações para a China são matérias-primas de base.

O abrandamento da economia chinesa pode, igualmente, afetar as relações comerciais entre as economias africanas e países nas Américas, Ásia e Europa. A desaceleração do crescimento pode afetar os investimentos externos da China em recursos naturais na África, Ásia, Austrália e América Latina, entre outros, o que pode gerar cortes nos projetos de investimento e prejudicar o crescimento nos países de destino. Os dez principais destinos do Investimento Direto Estrangeiro (IDE) em África representam quase 80% do estoque total de investimento, sendo que a Nigéria e a África do Sul representam quase 50% (CNUCED, 2015).

### A recuperação dos preços das matérias-primas aumenta as perspetivas de crescimento em África

As previsões do crescimento em África apontam para uma retoma moderada, atingindo 3.4% em 2017 e 4.3% em 2018, o que representa uma alta face aos 2.2% registados em 2016. Se os fatores internos continuam a ser os principais responsáveis por esta recuperação, por outro lado, o esperado aumento nos preços das matérias-primas fornece a necessária margem para colmatar os défices orçamentais e ser um catalisador do crescimento. Os preços da maioria das matérias-primas começaram a recuperar em 2016 e deverão manter uma trajetória ascendente em 2017 e 2018. Nomeadamente, os preços do petróleo começaram a subir no início de 2016 e prevê-se que atinjam 55 USD por barril, em 2017, em comparação com os 43 USD por barril registados em 2016. Este aumento dos preços do petróleo é atribuído a cortes na produção por parte de alguns países produtores de petróleo, membros e não membros da OPEP, durante o primeiro trimestre de 2017. Em dezembro de 2016, os produtores de petróleo membros e não membros da OPEP concordaram, separadamente, em reduzir a produção petrolífera em cerca de 1.8 milhões de barris por dia no primeiro semestre de 2017. No seguimento destes acordos, os preços do petróleo bruto (crude) subiram 10% no final do último trimestre de 2016, atingindo uma média de 49.1 USD por barril. Desde janeiro de 2017, os preços mantiveram-se acima dos 53 USD por barril e atingiram os 55.99 USD por barril em março de 2017. Uma análise da situação económica atual, das expectativas e do ambiente económico em África, realizada junto a participantes africanos pelo *Ifo World Economic Survey* do Ifo Institute, prevê um cenário otimista para o primeiro semestre de 2017 (Figura 1.4).

Figura 1.4. Avaliação da situação económica em África em 2017, 1º trimestre e projeção para seis meses



Fonte: Ifo World Economic Survey (Ifo Institute, 2017).  
StatLink <http://dx.doi.org/10.1787/888933474900>

No entanto, é necessária uma abordagem cautelosa, uma vez que o aumento recente dos preços do petróleo bruto pode não se manter a longo prazo. O aumento da produção nos Estados Unidos pode traduzir-se num aumento da oferta global de petróleo bruto que anule os cortes de produção da OPEP e o aumento de preços. Por outro lado, se a maioria dos membros da OPEP reduziram a produção de petróleo bruto, vários países como o Iraque, a Líbia e a Nigéria aumentaram a sua produção desde outubro de 2016. Além disso, o aumento da cotação “à vista” do petróleo, derivada dos cortes na produção, deverá estimular o investimento na produção de petróleo em 2017. Desde o início de 2014, o investimento norte-americano em petróleo de xisto (shale) diminuiu significativamente, em resposta à queda dos preços do petróleo. Consequentemente, verificou-se um decréscimo na produção de petróleo bruto nos meses seguintes. Os cortes na produção verificados dentro e fora da OPEP podem ser facilmente compensados por um aumento na produção norte-americana de petróleo de xisto, uma vez que os poços de petróleo de xisto podem começar a produzir no prazo de um ano após o investimento inicial.

### **A procura interna é cada vez mais importante como fator de crescimento**

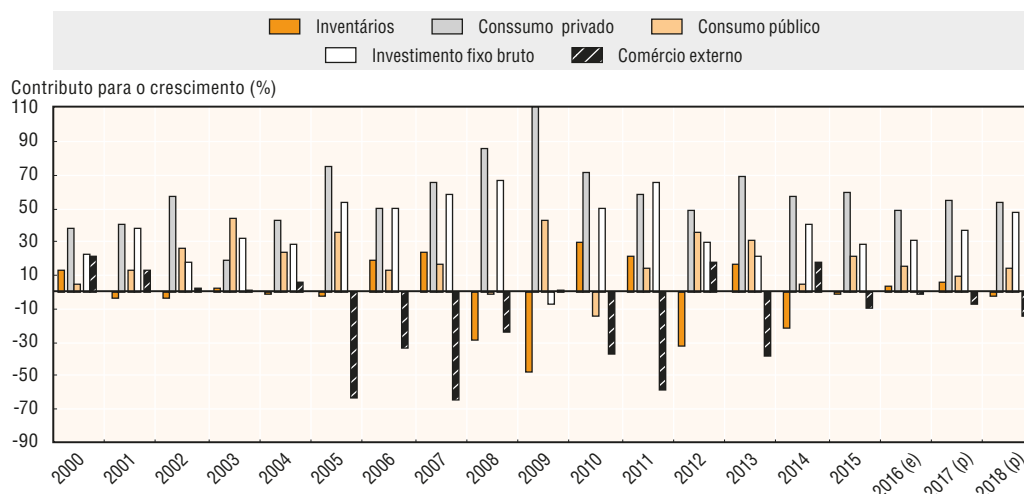
Embora os recursos naturais e as matérias-primas continuem a ser os maiores impulsionadores do crescimento em África, a sua importância diminuiu, enquanto os fatores internos, como a procura de bens de consumo, desempenham um papel cada vez maior para manter a resiliência das economias africanas. O consumo é impulsionado pelo crescimento da população africana e constitui um grande catalisador do empreendedorismo e do contributo dos empresários para a industrialização em África. Neste contexto, as reformas institucionais e regulamentares estão lentamente a melhorar a governação e o ambiente de negócios (ver Capítulo 5), fornecendo o necessário apoio ao crescimento.

### **O consumo estimulado pelo crescimento populacional é uma importante fonte de resiliência**

Apesar do abrandamento nas economias dos grandes exportadores de matérias-primas, os restantes países (não-exportadores de matérias-primas) têm registado taxas estáveis de crescimento do PIB nos últimos cinco anos. Com efeito, África continua a ser a segunda região com maior crescimento, a seguir à Ásia em desenvolvimento. O PIB real dos países africanos importadores de petróleo cresceu em média 3.0%, em 2016, o que é similar à taxa de crescimento de 3.3% registada no continente africano, em 2015. Os fatores internos continuam a ter um papel proeminente no crescimento de África, em especial o consumo privado. Além disso, o aumento dos investimentos em infraestruturas públicas veio consolidar a importância da procura interna enquanto âncora para a resiliência do crescimento africano. Tanto o consumo privado como o consumo público (maioritariamente investimentos em infraestruturas públicas) desempenham um papel fundamental no crescimento do PIB (Figura 1.5). Em 2016, estes dois componentes juntos representavam mais de 60% do PIB, com o contributo do consumo privado a aumentar gradualmente desde 2003.

Entre 2010 e 2016, o consumo privado aumentou, em média, 3.7%, e deverá manter um crescimento médio de 3.5%, em 2017-18. Um dos principais fatores impulsionadores do aumento do consumo no continente africano é o crescimento populacional (atualmente de mil milhões) e a expansão da classe média (estimada em 350 milhões de pessoas), sendo que África deverá representar cerca de 20% da população mundial em 2050 (McKinsey Global Institute, 2016). Prevê-se que o crescimento populacional gere um aumento das despesas de consumo de 680 mil milhões de USD, registados em 2008, para 2.2 biliões de USD até 2030. O aumento do poder de compra da classe média representa uma grande fonte potencial de prosperidade no continente.

Figura 1.5. Fatores impulsionadores do crescimento em África, 2000-18



Fonte: Adaptado do World Development Indicators 2016 e previsões do autor.

StatLink <http://dx.doi.org/10.1787/888933474913>

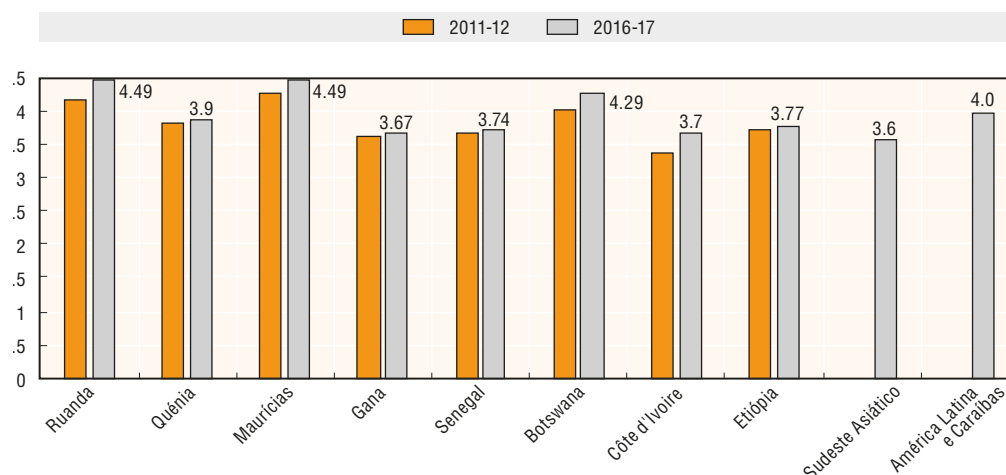
### O ritmo dos investimentos em infraestruturas públicas tem crescido em África

A constatação de que o desenvolvimento de África é prejudicado por uma enorme lacuna ao nível das infraestruturas (estimada em cerca de 50 mil milhões de USD por ano) levou a que os países africanos acelerassem os investimentos em projetos de infraestruturas públicas. Aproximadamente 645 milhões de pessoas na África subsariana não têm acesso à eletricidade e apenas um terço dos habitantes nas zonas rurais vivem a menos de 2 kms de uma estrada utilizável todo o ano, comparando com dois terços no total das regiões em desenvolvimento. Os investimentos públicos atingiram 3% do PIB em 2014 e espera-se que continuem a este nível ao longo dos próximos cinco anos.

### As reformas da governação macroeconómica e empresarial estão a consolidar-se no continente

A resiliência do crescimento em África baseia-se na melhoria do ambiente de negócios e da governação, que são consequência de reformas ambiciosas recentes. O continente fez progressos firmes na governação e na gestão dos recursos e instituições públicas, e continua a fazê-lo. África tem agora melhores classificações em termos de governação democrática e Estado de direito do que no passado, o que é fundamental para a construção dos Estados e para o consenso sobre as políticas. O Índice Ibrahim sobre a Governação em África 2016 (Fundação Mo Ibrahim, 2016) afirma que, em 2015, 70% dos cidadãos africanos viviam num país onde se registou uma melhoria da governação. No mesmo ano, 37 países aumentaram a sua pontuação na Governação Geral. Além disso, a pontuação média do continente em termos de Governação Geral aumentou um ponto entre 2006 e 2015, ou seja, de 49.0 para 50.0. Em 2014/15 África representou 30% das reformas de regulamentação realizadas (75 num total de 230, o maior número no mundo) para tornar mais fácil a realização de negócios, com o Uganda, o Quênia, a Mauritânia, o Senegal e o Benim a figurarem entre os dez países mais reformadores do globo. Para além dos avanços significativos na implementação de reformas regulatórias, dez países africanos registaram também melhorias consideráveis no seu ambiente de negócios em 2015, metade dos quais na África subsariana. Os *Global Competitiveness Reports* (2011 e 2016) do Fórum Económico Mundial demonstram que se verificaram melhorias no índice de competitividade na maioria dos países africanos, ao longo dos últimos cinco anos (de 2011 a 2016). Com efeito, vários países africanos posicionam-se bem acima de alguns destinos populares de investimento na Ásia, nomeadamente o Camboja, a Indonésia e Myanmar (Figura 1.6).

Figura 1.6. Melhoria na competitividade global dos países africanos, 2011-12 e 2016-17



Fonte: Adaptado de FEM (2011, 2016).

StatLink <http://dx.doi.org/10.1787/888933474925>

### O comércio intra-africano fornece oportunidades para fortalecer a resiliência africana

Os mercados regionais estão em rápida expansão e representam atualmente 16% do comércio total em África, reforçando a diversidade e complementando o comércio mais volátil com parceiros externos. O comércio intrarregional tem crescido de forma consistente, representando 18% das exportações totais de África em 2015, comparativamente com 10%, em 1995. No entanto, esta percentagem é ainda baixa, se comparada com outras regiões do mundo. Os produtos transformados representam 60% do comércio regional total e podem, assim, compensar a exposição global de África, particularmente no que diz respeito às matérias-primas. Em contrapartida, as exportações africanas para as economias emergentes, dominadas pela China e compostas maioritariamente por petróleo e metais, expõem o continente aos choques mundiais ao nível da procura. Atualmente, a China representa 27% das exportações totais de África, sendo 83% dessa parcela constituída por matérias-primas (Pigato e Tang, 2015). Apesar da transição do comércio para a China, alguns países africanos ainda têm como principais parceiros comerciais a zona Euro e os Estados Unidos (África do Sul) e a Índia (Maurícias). Por exemplo, os principais destinos de exportação das Maurícias são o Reino Unido (13.2%), os Emirados Árabes Unidos (12.4%), a França (11.9%), os Estados Unidos (10.7%) e a África do Sul (8.6%), enquanto as importações são maioritariamente provenientes da Índia (18.7%), China (17.8%), França (7.1%) e África do Sul (6.5%). Os países africanos que são menos dependentes da China para os seus mercados de exportação registaram uma desaceleração relativamente lenta do seu crescimento.

### O papel dos recursos naturais e das matérias-primas primárias está a diminuir lentamente

Os recursos naturais e as matérias-primas ainda são importantes fontes de receita em vários países africanos, mas o seu papel enquanto impulsionadores do crescimento está lentamente a diminuir. Na Nigéria, por exemplo, o petróleo representa mais de 90% das receitas em divisas, mas apenas 10% do PIB, quando no ano 2000 essa percentagem era de 25.6%. Isto aponta para uma diminuição drástica da preponderância da indústria petrolífera em comparação com outros setores, nomeadamente os serviços e a agricultura. A queda dos recursos extrativos enquanto fator de crescimento reflete-se na maior parte

do continente africano. Em 2015, as cinco economias com um crescimento mais rápido eram países pobres em recursos naturais, sendo a liderança assumida pela Etiópia, com uma taxa de crescimento de 10.2%, seguida pela Côte d'Ivoire (8.8%) e pelo Ruanda (7.1%). Os fluxos de IDE são cada vez mais dirigidos a países pobres em recursos naturais e a setores não relacionados com estes recursos. Em 2013, o rácio IDE/PIB atingiu 4.5% nos países pobres em recursos naturais, o dobro do registado no ano 2000. Já a parcela do IDE total dirigida a países ricos em recursos tem registado um decréscimo gradual, passando de 78%, em 2008, para 65%, em 2013.

### **As economias com maior diversificação têm melhor desempenho regional**

Embora tenha havido um abrandamento no desempenho médio do crescimento em África, existe uma variação considerável entre regiões e entre países, em parte devido à estrutura dicotómica das economias africanas. Os países não dependentes do petróleo registam, em particular, um crescimento positivo sustentado. Os países da África Oriental, nomeadamente o Djibouti, a Etiópia, o Quênia, o Ruanda e a Tanzânia, registaram todos taxas de crescimento acima dos 6% em 2016, sendo a Etiópia o país com maior crescimento, com 8%. No entanto, todas as regiões registaram uma redução do ritmo de crescimento.

### **A África Oriental mantém a liderança no crescimento regional**

A África Oriental continua a liderar no continente, atingindo uma taxa estimada de crescimento de 5.3%, em 2016, o que representa uma queda face a 2015 (6.5%). O Norte de África foi a segunda região com maior crescimento em 2016, 3.0%, impulsionada pela recuperação no Egipto (4.3%) e na Argélia (3.5%). A persistência da incerteza política e a reduzida produção de petróleo na Líbia continuam, porém, a limitar o crescimento nesta região. A África Austral registou o terceiro melhor desempenho regional, com um crescimento de 1.1% em 2016, comparativamente com 1.9% em 2015. Pelo contrário, a África Central e a África Ocidental registaram os piores desempenhos, com taxas de crescimento de 0.8% e 0.4%, respetivamente. O crescimento na África Central foi afetado pelo fraco desempenho da Guiné Equatorial (com taxas negativas de -8.2% em 2016 e de -8.3% em 2015), da República do Congo (onde a taxa de crescimento decresceu de 6.9%, em 2015, para 2.5%, em 2016) e do Chade (com uma taxa que desceu de 1.8%, em 2015, para uma contração de -3.4%, em 2016). A África Ocidental, por seu lado, foi arrastada pela recessão económica na Nigéria, onde a economia se contraiu -1.5% em 2016, em comparação com uma taxa de crescimento de 2.8%, em 2015.

### **A desaceleração das grandes economias africanas tem um importante impacto no crescimento geral**

A queda acentuada do desempenho da África Ocidental aponta para a vulnerabilidade do crescimento médio do continente face aos eventos verificados em algumas economias de grande dimensão. A baixa persistente dos preços do petróleo e a instabilidade das políticas afetaram negativamente as perspetivas de crescimento na Nigéria, bem como na África do Sul, com um impacto considerável no crescimento da totalidade do continente africano. A Nigéria e a África do Sul representam 18% e 12% do PIB africano, respetivamente. A recessão na Nigéria resulta de uma combinação dos efeitos do preço do petróleo e de questões estruturais, tendo-se agravado com a instabilidade das políticas, particularmente da política cambial. Já a África do Sul está ainda a recuperar de um défice de energia e da seca provocada pelo El Niño.

O crescimento destas regiões depende, assim, do desempenho individual dos países com maior peso. A África Ocidental deverá registar uma melhoria do desempenho em 2017, atingindo um crescimento de 3.4%, devido à esperada retoma dos preços do petróleo. A produção da região do Delta, na Nigéria, também deverá melhorar, após a detenção dos responsáveis pelos recentes ataques aos campos petrolíferos. O crescimento da África

Austral continuará a ser modesto e influenciado pela África do Sul, devendo atingir 1.4% em 2017. Da mesma forma, a continuação da incerteza política e do conflito na Líbia deverá arrastar o desempenho do Norte de África, estimando-se que a Líbia registre uma contracção da economia de -3.7% em 2017.

### **A diversificação económica tem sido um importante amortecedor dos choques externos**

Uma análise mais aprofundada das regiões revela uma heterogeneidade ainda maior, com as economias mais diversificadas a terem um melhor desempenho do que as menos diversificadas. No geral, e ao longo da última década, as economias africanas têm-se tornado cada vez mais diversificadas, e consequentemente mais resilientes, particularmente em relação aos choques externos relacionados com as matérias-primas. Entre 2000 e 2010, o peso do setor industrial no crescimento subiu de 17% para 23% e o peso do setor dos serviços cresceu de 44% para 47%. De acordo com as estimativas, o setor dos serviços representa 49% do PIB em 2016, em grande medida devido à revolução da informação e telecomunicações. A inovação tecnológica, especialmente nos serviços financeiros, tem impulsionado o crescimento em África. Em 2015, 45% do PIB do Quênia foi negociado por meio do M-PESA, um serviço de financiamento e transferência de dinheiro através dos dispositivos móveis. Na Nigéria, o peso do setor dos serviços subiu de 13% do PIB no ano 2000 para 34.7% no ano de 2010. Contudo, o peso do setor agrícola continua a ser considerável – na ordem dos 16% –, sendo dominado pela agricultura de subsistência.

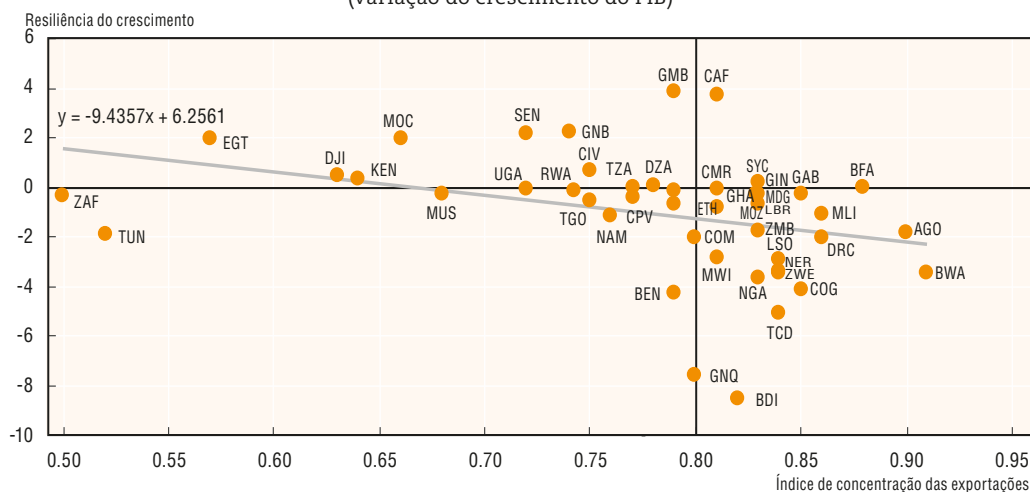
No entanto, a transformação estrutural progressiva de África (McMillan e Harttgen, 2014) levou a um decréscimo de até 10%, entre 2000 e 2010, na percentagem da população ativa que trabalha no setor agrícola. No mesmo período, a proporção da população ativa na indústria transformadora aumentou em média 2.15%, enquanto a mão-de-obra no setor dos serviços cresceu em média 8.23%. Estes dados estatísticos demonstram que a transformação estrutural está já em curso no continente, embora sejam necessários mais progressos para consolidar os resultados atingidos.

O aumento da diversificação económica veio melhorar consideravelmente a capacidade de África para resistir a choques externos e para manter um crescimento resiliente. O Índice de concentração das exportações revela em que medida o aumento da concentração das exportações reduz a resiliência do crescimento (Figura 1.7). Este índice, também designado de Índice Herfindahl-Hirschmann (Produto IHH), mede o grau de concentração do produto nos países africanos, ao identificar o nível de diversificação económica e de resiliência do crescimento (variação do crescimento do PIB). Os valores de diversificação IHH variam entre 0 e 1, sendo que um valor do índice mais próximo de 1 indica que as exportações de um país estão muito concentradas em poucos produtos. Ao calcular a alteração no crescimento do PIB entre 2014 e 2015, é possível determinar a resiliência do crescimento nos países africanos. Em suma, a existência de valores positivos indica resiliência, enquanto os valores negativos demonstram a volatilidade do crescimento.

A transição de economias orientadas para a exportação requer uma mudança na estrutura industrial, envolvendo um foco crescente em maquinaria e equipamento eletrónico avançado, bem como em segmentos com maior valor acrescentado. A mudança estrutural deve ser apoiada por uma melhor afetação do crédito (o que favorece o crescimento empresarial), por melhor investigação e pelo desenvolvimento de novas tecnologias industriais, bem como de sistemas educacionais que forneçam competências para o século XXI. Os sistemas nacionais de inovação e os clusters industriais são fatores determinantes para o sucesso das políticas industriais, que, por sua vez, devem levar em consideração o capital natural, humano, físico e institucional do país. A diversificação económica é um processo de médio a longo prazo, que exige uma transição dos ativos provenientes dos recursos naturais para um portfólio mais equilibrado de capital físico

e humano, particularmente nos países exportadores de matérias-primas. Neste contexto, é importante melhorar a educação e a saúde, as infraestruturas e as comunicações, bem como a regulamentação da iniciativa privada (ver também Capítulos 6, 7 e 8).

**Figura 1.7. Diversificação e resiliência do crescimento em África, 2014-15**  
(variação do crescimento do PIB)



Fonte: Adaptado das Estatísticas CNUCED (CNUCED, 2017), <http://unctadstat.unctad.org/wds/TableViewer/tableView.aspx>.  
StatLink <http://dx.doi.org/10.1787/888933474933>

## A coordenação e consistência das políticas são importantes para aliviar choques

Os países africanos afetados pela queda dos preços das matérias-primas têm recorrido às políticas orçamental, monetária e cambial para reverter o declínio da economia. Aqueles que mantiveram a consistência e coordenação das políticas estão a colher os benefícios.

### A consolidação da política orçamental generalizou-se nos países exportadores de matérias-primas

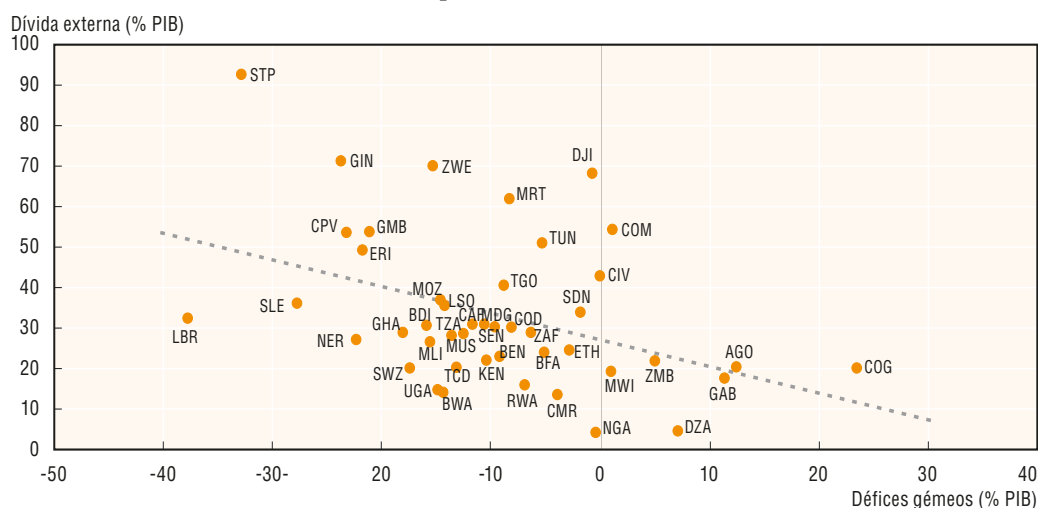
Em face dos desafios colocados pela queda dos preços das matérias-primas e da redução de receita, vários países africanos viram-se obrigados a operar num contexto de maior restrição orçamental. O défice orçamental no continente passou de 6.3% em 2015 para 6.6% em 2016, resultado da queda dos preços das matérias-primas. Esta deterioração foi mais rápida nos países exportadores de petróleo, que registaram um défice orçamental recorde de 8.0%, em comparação com 7.5% e 6.3%, respetivamente em 2015 e 2014. O défice orçamental nos países africanos importadores de petróleo foi de 4.5% em 2016, 4.4% em 2015 e 4.0% em 2014. Em termos regionais, o maior défice orçamental verificou-se no Norte de África, atingindo 13.5% do PIB em 2016, enquanto essa percentagem foi de 2.9% na África Ocidental.

Como resposta ao alargamento do défice, vários governos implementaram medidas de consolidação orçamental em 2016, para travarem as despesas improdutivas e para impedirem a perda de receitas. Na Namíbia, país dependente das matérias-primas, a combinação da queda das receitas com a aplicação prolongada de uma política orçamental expansionista contribuiu para alargar o défice orçamental, o qual atingiu 7.3% do PIB em 2016. Consequentemente, o governo adotou um programa de consolidação orçamental durante a avaliação a meio percurso do orçamento 2016/17, o qual preconizou cortes na despesa até 2.8% do PIB, num esforço para reduzir o défice.

Com o decréscimo das receitas orçamentais, vários países africanos recorreram aos mercados comerciais de capital, mais dispendiosos, como fonte de financiamento do desenvolvimento. Muitos países africanos, incluindo aquelas que beneficiam da iniciativa para os países pobres altamente endividados (HIPC), estão a acumular dívida mais rapidamente e enfrentam potencialmente situações de sobre-endividamento. A prática de flexibilização quantitativa (quantitative easing) na zona euro, no Japão e nos Estados Unidos incentivou os investidores globais a procurarem uma alta rentabilidade. No entanto, as menores perspetivas de crescimento, os crescentes défices nas contas correntes e as moedas mais fracas contribuíram para uma dinâmica menos favorável da dívida e para uma menor sustentabilidade da dívida.

Num contexto de baixas taxas de juro a nível global, os governos africanos conseguiram, nos últimos anos, aceder aos mercados comerciais globais da dívida, com o objetivo duplo de financiarem infraestruturas e outros projetos de investimento de capital, bem como de conterem os défices orçamentais. Em 2013-15, os países africanos emitiram títulos soberanos no valor de 20.9 mil milhões de USD, enquanto no período 2009-12 esse valor tinha sido de apenas 5.9 mil milhões de USD. A correlação negativa entre os défices orçamentais (e externos) e a dívida externa (Figura 1.8) significa que o aumento do défice orçamental tem contribuído para agravar a situação da dívida, com implicações na sustentabilidade da dívida dos países.

Figura 1.8. Correlação entre os défices orçamentais e a dívida externa nos países africanos



Fonte: Adaptado do Departamento de Estatística do BAD e Banco Mundial (2016).  
StatLink <http://dx.doi.org/10.1787/888933474941>

As previsões apontam para uma melhoria moderada dos equilíbrios orçamentais na região em 2017 e 2018, atingindo, respetivamente, -5.5% e -4.5%. Esta melhoria pode ser atribuída às medidas de consolidação orçamental em curso em muitos países exportadores de matérias-primas e à recuperação gradual dos preços destes produtos. Os países exportadores de petróleo deverão registar um défice orçamental mais elevado do que os países importadores de petróleo, atingindo os primeiros 6.3% em 2017 e 5.0% em 2018, enquanto nos segundos o défice deverá ser de 4.3% em 2017 e de 3.8% em 2018. O défice mais elevado deverá continuar a registar-se no Norte de África, atingindo 11.1% em 2017, devido, principalmente, à queda das receitas derivada da fraca produção de petróleo na Líbia.

### **Em alguns casos, a instabilidade das políticas limitou a eficácia das políticas monetária e cambial**

As respostas em termos de política monetária e cambial às diferentes situações económicas no continente foram variadas e, em certos casos, sem coordenação com a política orçamental. Alguns países exportadores de matérias-primas que enfrentaram limitações orçamentais implementaram medidas de consolidação orçamental, e também uma política monetária restritiva. A maior parte dos países não exportadores de matérias-primas, não afetados pela queda dos preços destes produtos, implementaram políticas monetárias expansionistas. Neste grupo de países, a queda do preço das matérias-primas teve impacto na diminuição da inflação, devido à descida dos preços da energia.

Em alguns casos, a falta de coordenação entre as políticas monetária e cambial, por um lado, e a política orçamental, por outro, fez com que ambas prosseguissem objetivos diversos. Na Nigéria, nomeadamente, foi implementada uma política orçamental restritiva, enquanto a política monetária continuou a ser expansionista durante grande parte de 2016. A falta de coordenação restringiu a eficácia das intervenções em termos de política monetária na resposta aos choques globais. Por exemplo, a inflação no Gana e no Malawi continuou a situar-se em dois dígitos, apesar da implementação de uma política monetária mais restritiva em 2016. Na Nigéria, os esforços para limitar a procura de moeda estrangeira, em particular a procura especulativa, não obtiveram resultados, mesmo após o governo ter deixado de indexar o naira ao dólar norte-americano em junho de 2016. Anteriormente, o naira tinha estado indexado ao dólar a uma cotação de 197 NGN por USD; no entanto, as restrições administrativas e as reversões das políticas vieram alargar o lucro do mercado paralelo. Assim, a taxa no mercado paralelo atingiu um máximo de 520 NGN por USD, em comparação com uma cotação de 305 NGN no mercado interbancário. A inflação não reagiu e continuou a ter uma taxa de dois dígitos, situando-se nos 18.7% em janeiro de 2017. A ineficácia das medidas de política monetária derivou de uma incerteza relativamente às ações do governo em resposta ao aumento da inflação, o que, por sua vez, veio enfraquecer o naira e baixar as reservas em moeda estrangeira. No geral, a análise de países onde a falta de coordenação das políticas foi mais evidente demonstra que os choques externos foram mais prolongados.

### **As perspetivas sobre as políticas monetária e cambial continuam a ser heterogéneas**

As perspetivas sobre a política monetária na região continuam a ser díspares, dependendo do grau a que os países estão expostos a choques nos termos de troca. Espera-se que os países exportadores de matérias-primas mantenham uma abordagem restritiva e contracionista à política monetária, enquanto os países não exportadores destes produtos deverão implementar políticas monetárias flexíveis e expansionistas para apoiarem o crescimento do setor privado. As previsões demonstram que o aumento dos saldos das contas correntes continuará a exercer pressão sobre as moedas dos países. É provável que os países com taxa de câmbio fixa sejam mais afetados, uma vez que têm reservas reduzidas ao seu dispor para defenderem a moeda. A existência de moedas débeis deverá continuar a exercer pressão na margem orçamental dos países, refletindo-se numa subida das obrigações de pagamento do serviço da dívida (em moeda nacional).

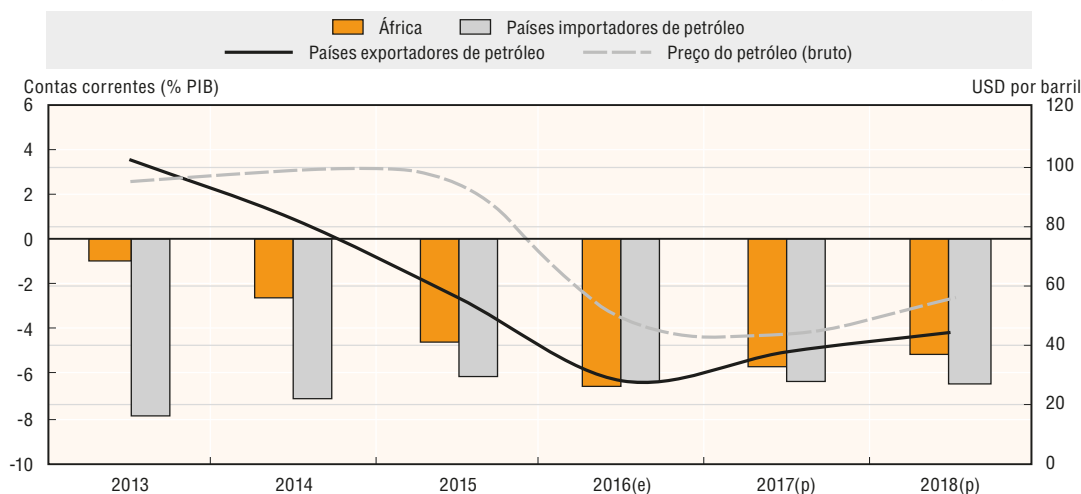
### **Os desequilíbrios externos estão estreitamente ligados à instabilidade das políticas**

A maioria das economias africanas registou défices externos, devido não apenas à queda do preço das matérias-primas, mas também à instabilidade das políticas, que manteve o capital externo afastado e enfraqueceu as moedas dos países. Isto aumentou a dificuldade



de manter um equilíbrio no saldo das contas externas. A persistente queda dos preços das matérias-primas veio esgotar as receitas de vários países dependentes destes produtos, gerando défices das contas correntes (externas). A maior parte destes países estão numa situação de duplo défice (*twin deficit*), em que tanto o orçamento como a balança corrente registam défices de dois dígitos. O défice externo dos países importadores de petróleo, e de África em geral, acompanha as flutuações dos preços do petróleo bruto/crude (Figura 1.9). O aumento do défice das contas correntes é agravado pelo abrandamento económico da China, um grande consumidor das exportações africanas de produtos primários.

Figura 1.9. Balança corrente em África, incluindo donativos, 2013-18(p)



Nota: (e) estimativas; (p) projeções.

Fonte: Adaptado do Departamento de Estatística do BAD

StatLink <http://dx.doi.org/10.1787/888933474953>

De acordo com as estimativas, o défice da balança corrente em África passou de 6.8% do PIB em 2015 para 6.5% do PIB em 2016. Com exceção do Botswana e da Suazilândia, todos os países africanos deverão registar défices nas contas correntes em 2016, estimando-se que os maiores sejam na Líbia (37.8%), Moçambique (31.1%), Libéria (28.5%) e Djibouti (27.9% do PIB). Cerca de 20 dos 54 países africanos deverão atingir um défice das contas correntes na ordem dos dois dígitos.

As perspetivas sobre as contas externas do continente africano deverão melhorar em 2017, com os progressos nos preços das matérias-primas e uma ligeira recuperação da economia global. Prevê-se que os défices das contas correntes, em 2017 e 2018, sejam, respetivamente, de 5.0% e 4.1%. Com a estimativa de aumento dos preços do petróleo, de 43 USD por barril em 2016 para 55 USD em 2017, o valor das exportações deverá aumentar na maioria dos países exportadores de petróleo. À medida que os preços das matérias-primas aumentam, estas tendências deverão ser comuns a outros países exportadores de matérias-primas. Além disso, com a redução da incerteza e da volatilidade nos preços globais das matérias-primas, e com uma forte procura interna, África deverá atrair mais investimento direto estrangeiro e investimento de carteira no futuro próximo.

Para além dos parâmetros ao nível macro, é importante salientar que a estabilidade das políticas desempenha um papel fundamental para manter o equilíbrio das contas externas. A persistência de défices das contas correntes altos e insustentáveis, que originam crises cambiais e saída de capitais, está estreitamente ligada à instabilidade e inconsistência das políticas. O impacto desta instabilidade nas contas externas pode ser demonstrado ao delinear a relação entre as alterações das contas correntes externas por comparação com as variações no crescimento do PIB para o mesmo período, e a instabilidade das políticas (ver Figura 1.A1.1 e a nota anexa).

## Anexo 1.A1. Balança corrente e instabilidade das políticas em África

Tabela 1.A1.1. Evolução macroeconómica em África, 2008-18

|                                                               | Estimativas de março de 2017 |             |             |              |              |             |             |
|---------------------------------------------------------------|------------------------------|-------------|-------------|--------------|--------------|-------------|-------------|
|                                                               | 2008-12                      | 2013        | 2014        | 2015         | 2016(e)      | 2017(p)     | 2018(p)     |
| <b>Crescimento real do PIB (%)</b>                            |                              |             |             |              |              |             |             |
| África Central                                                | 4.9                          | 4.0         | 6.0         | 3.6          | 0.8          | 2.2         | 3.8         |
| África Oriental                                               | 5.6                          | 7.2         | 5.9         | 6.5          | 5.3          | 5.7         | 6.0         |
| Norte de África                                               | 4.4                          | 1.7         | 1.5         | 3.3          | 3.0          | 3.4         | 3.7         |
| África Austral                                                | 3.1                          | 3.7         | 2.8         | 1.9          | 1.1          | 1.9         | 2.6         |
| África Ocidental                                              | 6.2                          | 5.7         | 6.1         | 3.3          | 0.4          | 3.5         | 5.5         |
| <b>África</b>                                                 | <b>4.7</b>                   | <b>3.9</b>  | <b>3.7</b>  | <b>3.4</b>   | <b>2.2</b>   | <b>3.4</b>  | <b>4.3</b>  |
| <i>África (excluindo a Líbia)</i>                             | <i>4.5</i>                   | <i>4.3</i>  | <i>4.2</i>  | <i>3.7</i>   | <i>2.3</i>   | <i>3.5</i>  | <i>4.4</i>  |
| <i>Rubricas por memória</i>                                   |                              |             |             |              |              |             |             |
| <i>Norte de África (incluindo o Sudão)</i>                    | <i>4.3</i>                   | <i>1.9</i>  | <i>1.6</i>  | <i>3.4</i>   | <i>3.0</i>   | <i>3.4</i>  | <i>3.7</i>  |
| <i>África subsariana</i>                                      | <i>4.9</i>                   | <i>5.2</i>  | <i>5.0</i>  | <i>3.5</i>   | <i>1.7</i>   | <i>3.4</i>  | <i>4.6</i>  |
| <i>África subsariana excluindo a África do Sul</i>            | <i>5.7</i>                   | <i>6.0</i>  | <i>5.8</i>  | <i>4.1</i>   | <i>2.0</i>   | <i>3.9</i>  | <i>5.2</i>  |
| <i>Países exportadores de petróleo</i>                        | <i>5.0</i>                   | <i>3.5</i>  | <i>3.6</i>  | <i>3.3</i>   | <i>1.6</i>   | <i>3.0</i>  | <i>4.1</i>  |
| <i>Países importadores de petróleo</i>                        | <i>4.2</i>                   | <i>4.6</i>  | <i>3.9</i>  | <i>3.6</i>   | <i>3.0</i>   | <i>4.0</i>  | <i>4.4</i>  |
| <b>Preços no consumidor (inflação em %)</b>                   |                              |             |             |              |              |             |             |
| África Central                                                | 6.8                          | 1.9         | 2.4         | 2.2          | 3.1          | 2.2         | 2.4         |
| África Oriental                                               | 15.2                         | 12.8        | 12.2        | 10.2         | 12.4         | 9.9         | 8.9         |
| Norte de África                                               | 6.6                          | 4.9         | 6.2         | 7.5          | 8.1          | 10.3        | 8.2         |
| África Austral                                                | 7.9                          | 6.4         | 6.3         | 5.7          | 10.5         | 8.7         | 7.7         |
| África Ocidental                                              | 10.7                         | 7.6         | 7.3         | 8.3          | 13.0         | 11.4        | 9.8         |
| <b>África</b>                                                 | <b>19.4</b>                  | <b>6.7</b>  | <b>7.0</b>  | <b>7.4</b>   | <b>10.1</b>  | <b>9.8</b>  | <b>8.3</b>  |
| <i>África (excluindo a Líbia)</i>                             | <i>8.9</i>                   | <i>6.8</i>  | <i>7.1</i>  | <i>7.4</i>   | <i>9.9</i>   | <i>9.8</i>  | <i>8.3</i>  |
| <i>Rubricas por memória</i>                                   |                              |             |             |              |              |             |             |
| <i>Norte de África (incluindo o Sudão)</i>                    | <i>7.4</i>                   | <i>6.9</i>  | <i>8.1</i>  | <i>8.2</i>   | <i>8.5</i>   | <i>10.7</i> | <i>8.5</i>  |
| <i>África subsariana</i>                                      | <i>11.1</i>                  | <i>7.8</i>  | <i>7.5</i>  | <i>7.4</i>   | <i>11.3</i>  | <i>9.5</i>  | <i>8.4</i>  |
| <i>África subsariana excluindo a África do Sul</i>            | <i>9.2</i>                   | <i>6.5</i>  | <i>6.3</i>  | <i>6.4</i>   | <i>10.0</i>  | <i>8.3</i>  | <i>7.3</i>  |
| <i>Países exportadores de petróleo</i>                        | <i>9.5</i>                   | <i>7.4</i>  | <i>8.2</i>  | <i>8.9</i>   | <i>12.9</i>  | <i>12.8</i> | <i>10.5</i> |
| <i>Países importadores de petróleo</i>                        | <i>7.7</i>                   | <i>5.6</i>  | <i>5.3</i>  | <i>5.3</i>   | <i>6.1</i>   | <i>5.6</i>  | <i>5.2</i>  |
| <b>Saldo orçamental global, com donativos (% PIB)</b>         |                              |             |             |              |              |             |             |
| África Central                                                | 2.4                          | -1.1        | -2.3        | -2.9         | -4.0         | -3.5        | -2.4        |
| África Oriental                                               | -2.5                         | -4.3        | -3.6        | -5.1         | -4.7         | -4.5        | -3.3        |
| Norte de África                                               | -2.7                         | -6.8        | -10.9       | -13.3        | -13.5        | -11.1       | -9.5        |
| África Austral                                                | -2.5                         | -2.9        | -4.1        | -3.9         | -4.3         | -3.8        | -3.2        |
| África Ocidental                                              | -2.7                         | -3.1        | -2.4        | -2.0         | -2.9         | -2.8        | -2.5        |
| <b>África</b>                                                 | <b>-2.3</b>                  | <b>-4.2</b> | <b>-5.4</b> | <b>-6.3</b>  | <b>-6.6</b>  | <b>-5.5</b> | <b>-4.5</b> |
| <i>África (excluindo a Líbia)</i>                             | <i>-2.9</i>                  | <i>-4.2</i> | <i>-4.8</i> | <i>-5.5</i>  | <i>-5.7</i>  | <i>-4.6</i> | <i>-3.6</i> |
| <i>Rubricas por memória</i>                                   |                              |             |             |              |              |             |             |
| <i>Norte de África (incluindo o Sudão)</i>                    | <i>-2.6</i>                  | <i>-6.4</i> | <i>-9.9</i> | <i>-11.8</i> | <i>-11.9</i> | <i>-9.6</i> | <i>-8.2</i> |
| <i>África subsariana</i>                                      | <i>-2.2</i>                  | <i>-3.1</i> | <i>-3.2</i> | <i>-3.3</i>  | <i>-3.8</i>  | <i>-3.5</i> | <i>-2.9</i> |
| <i>África subsariana excluindo a África do Sul</i>            | <i>-1.8</i>                  | <i>-2.9</i> | <i>-3.1</i> | <i>-3.2</i>  | <i>-3.9</i>  | <i>-3.6</i> | <i>-2.9</i> |
| <i>Países exportadores de petróleo</i>                        | <i>-1.6</i>                  | <i>-4.0</i> | <i>-6.3</i> | <i>-7.5</i>  | <i>-8.0</i>  | <i>-6.3</i> | <i>-5.0</i> |
| <i>Países importadores de petróleo</i>                        | <i>-3.3</i>                  | <i>-4.4</i> | <i>-4.0</i> | <i>-4.4</i>  | <i>-4.5</i>  | <i>-4.3</i> | <i>-3.8</i> |
| <b>Balança de transações correntes, com donativos (% PIB)</b> |                              |             |             |              |              |             |             |
| África Central                                                | -2.1                         | 0.3         | -1.2        | -7.4         | -8.1         | -5.9        | -5.1        |
| África Oriental                                               | -6.6                         | -7.0        | -6.5        | -7.7         | -7.0         | -7.6        | -8.2        |
| Norte de África                                               | 3.2                          | -1.6        | -5.3        | -9.1         | -9.8         | -7.5        | -5.8        |
| África Austral                                                | -2.4                         | -4.0        | -5.0        | -6.2         | -6.4         | -5.4        | -4.9        |
| África Ocidental                                              | 2.0                          | 0.8         | -0.7        | -4.1         | -2.8         | -0.9        | 0.3         |
| <b>África</b>                                                 | <b>0.0</b>                   | <b>-2.1</b> | <b>-3.8</b> | <b>-6.8</b>  | <b>-6.5</b>  | <b>-5.0</b> | <b>-4.1</b> |
| <i>África (excluindo a Líbia)</i>                             | <i>-1.0</i>                  | <i>-2.5</i> | <i>-3.4</i> | <i>-6.2</i>  | <i>-5.9</i>  | <i>-4.5</i> | <i>-3.7</i> |
| <i>Rubricas por memória</i>                                   |                              |             |             |              |              |             |             |
| <i>Norte de África (incluindo o Sudão)</i>                    | <i>2.3</i>                   | <i>-2.1</i> | <i>-5.4</i> | <i>-8.8</i>  | <i>-9.1</i>  | <i>-7.1</i> | <i>-5.7</i> |
| <i>África subsariana</i>                                      | <i>-1.5</i>                  | <i>-2.4</i> | <i>-3.3</i> | <i>-5.8</i>  | <i>-5.2</i>  | <i>-4.2</i> | <i>-3.5</i> |
| <i>África subsariana excluindo a África do Sul</i>            | <i>-0.9</i>                  | <i>-1.4</i> | <i>-2.8</i> | <i>-6.2</i>  | <i>-5.5</i>  | <i>-4.2</i> | <i>-3.5</i> |
| <i>Países exportadores de petróleo</i>                        | <i>4.2</i>                   | <i>1.8</i>  | <i>-1.8</i> | <i>-7.2</i>  | <i>-6.6</i>  | <i>-4.1</i> | <i>-2.5</i> |
| <i>Países importadores de petróleo</i>                        | <i>-5.8</i>                  | <i>-7.8</i> | <i>-7.1</i> | <i>-6.1</i>  | <i>-6.3</i>  | <i>-6.4</i> | <i>-6.4</i> |

Nota: (e) estimativas; (p) projeções.

Fonte: Departamento de Estatística do BAD.

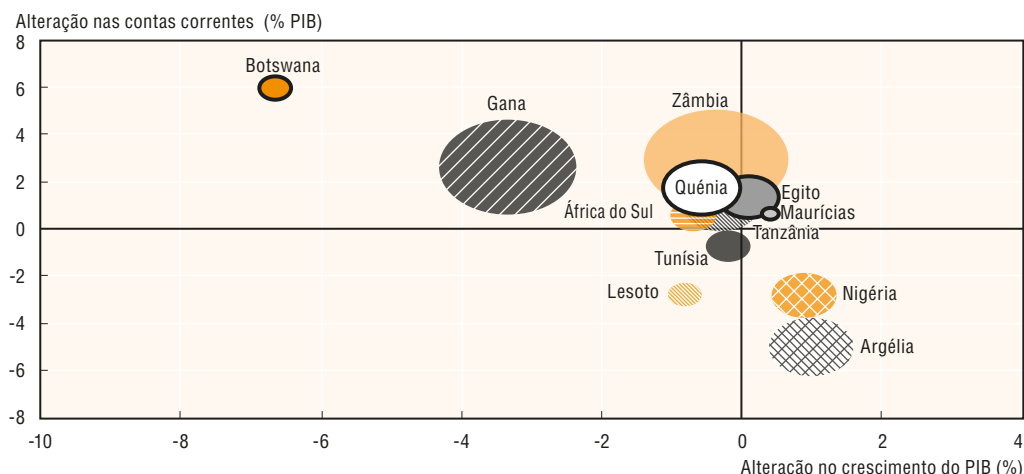
Tabela 1.A1.2. Situação atual e projeções para a economia mundial, 2015-18

|                                                                                     | 2015  | 2016 (e) | 2017(p) | 2018(p) |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------|----------|---------|---------|
| Produto mundial                                                                     | 3.2   | 3.1      | 3.4     | 3.6     |
| Economia avançadas                                                                  | 2.1   | 1.6      | 1.9     | 2.0     |
| Estados Unidos                                                                      | 2.6   | 1.6      | 2.3     | 2.5     |
| Zona Euro                                                                           | 2.0   | 1.7      | 1.6     | 1.6     |
| Alemanha                                                                            | 1.5   | 1.7      | 1.5     | 1.5     |
| França                                                                              | 1.3   | 1.3      | 1.3     | 1.6     |
| Itália                                                                              | 0.7   | 0.9      | 0.7     | 0.8     |
| Espanha                                                                             | 3.2   | 3.2      | 2.3     | 2.1     |
| Japão                                                                               | 1.2   | 0.9      | 0.8     | 0.5     |
| Reino Unido                                                                         | 2.2   | 2.0      | 1.5     | 1.4     |
| Canadá                                                                              | 0.9   | 1.3      | 1.9     | 2.0     |
| Outras economias avançadas                                                          | 2.0   | 1.9      | 2.2     | 2.4     |
| Economias de mercados emergentes e em desenvolvimento                               | 4.1   | 4.1      | 4.5     | 4.8     |
| Comunidade dos Estados Independentes (CEI)                                          | -2.8  | -0.1     | 1.5     | 1.8     |
| Federação russa                                                                     | -3.7  | -0.6     | 1.1     | 1.2     |
| Excluindo a Federação russa                                                         | -0.5  | 1.1      | 2.5     | 3.3     |
| Ásia: economias emergentes e em desenvolvimento                                     | 6.7   | 6.3      | 6.4     | 6.3     |
| China                                                                               | 6.9   | 6.7      | 6.5     | 6.0     |
| Índia                                                                               | 7.6   | 6.6      | 7.2     | 7.7     |
| ASEAN-5                                                                             | 4.8   | 4.8      | 4.9     | 5.2     |
| Europa: economias emergentes e em desenvolvimento                                   | 3.7   | 2.9      | 3.1     | 3.2     |
| América Latina e Caraíbas                                                           | 0.1   | -0.7     | 1.2     | 2.1     |
| Brasil                                                                              | -3.8  | -3.5     | 0.2     | 1.5     |
| México                                                                              | 2.6   | 2.2      | 1.7     | 2.0     |
| Médio Oriente, Norte de África, Afeganistão e Paquistão                             | 2.5   | 3.8      | 3.1     | 3.5     |
| Arábia Saudita                                                                      | 4.1   | 1.4      | 0.4     | 2.3     |
| África subsariana                                                                   | 3.4   | 1.6      | 2.8     | 3.7     |
| Nigéria                                                                             | 2.7   | -1.5     | 0.8     | 2.3     |
| África do Sul                                                                       | 1.3   | 0.3      | 0.8     | 1.6     |
| <b>Rubricas por memória</b>                                                         |       |          |         |         |
| Países em desenvolvimento de rendimento baixo                                       | 4.6   | 3.7      | 4.7     | 5.4     |
| Crescimento mundial baseado nas taxas de câmbio de mercado                          | 2.6   | 2.4      | 2.8     | 3.0     |
| Volume de comércio mundial (bens e serviços)                                        | 2.7   | 1.9      | 3.8     | 4.1     |
| Economias avançadas                                                                 | 4.0   | 2.0      | 3.6     | 3.8     |
| Economias de mercados emergentes e em desenvolvimento                               | 0.3   | 1.9      | 4.0     | 4.7     |
| <b>Preços das matérias-primas (USD)</b>                                             |       |          |         |         |
| Petróleo                                                                            | -47.2 | -15.9    | 19.9    | 3.6     |
| Não-petrolíferas (média baseada no peso mundial das exportações de matérias-primas) | -17.4 | -2.7     | 2.1     | -0.9    |
| <b>Preços no consumidor</b>                                                         |       |          |         |         |
| Economias avançadas                                                                 | 0.3   | 0.7      | 1.7     | 1.9     |
| Economias de mercados emergentes e em desenvolvimento                               | 4.7   | 4.5      | 4.5     | 4.4     |
| <b>London Interbank Offered Rate – LIBOR (percentagem)</b>                          |       |          |         |         |
| Sobre os depósitos em USD (a 6 meses)                                               | 0.5   | 1.0      | 1.7     | 2.8     |
| Sobre os depósitos em Euros (a 3 meses)                                             | 0.0   | -0.3     | -0.3    | -0.2    |
| Sobre os depósitos em yens – Japão (a 6 meses)                                      | 0.1   | 0.0      | 0.0     | 0.0     |

Nota: (e) estimativas; (p) projeções.

Fonte: World Economic Outlook (FMI, 2017), [www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2017/update/01](http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2017/update/01).

Figura 1.A1.1. Impacto da instabilidade das políticas nas contas correntes, 2013-14

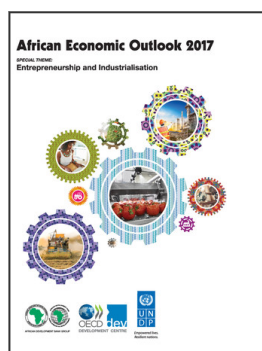


Notas: A instabilidade das políticas é identificada pela alteração das taxas médias de rendibilidade dos títulos soberanos entre 2013 e 2014, com os valores positivos a demonstrarem um alargamento durante este período, implicando maior instabilidade das políticas. Os valores negativos demonstram uma diminuição das taxas de rendibilidade dos títulos entre 2013 e 2014, o que significa uma maior confiança nas políticas e nas perspetivas económicas gerais. O tamanho das bolas refere-se, portanto, ao grau de instabilidade das políticas (quanto maior a bola, maior a incerteza/instabilidade). Os valores negativos (com anéis na figura) mostram países que registaram melhorias na estabilidade das políticas ao longo deste período (Botswana, Egito, Quênia e Maurícias). Os valores positivos no PIB indicam melhorias no crescimento do PIB. Os valores positivos na balança corrente indicam uma melhoria da situação das contas correntes (seja pela redução do défice ou pela geração de excedentes/superavit), enquanto os valores negativos indicam uma degradação das contas correntes (pelo aumento do défice ou pela redução dos excedentes). Todos os países com bolhas aneladas (mais certeza de políticas) encontram-se no quadrante positivo da conta corrente, independentemente da mudança no crescimento do PIB. Enquanto o Quênia e o Botswana registaram deteriorações no crescimento do PIB, os outros dois países que registaram melhorias em seu ambiente de certeza de políticas (Egito e Maurício) registaram melhorias nas taxas de crescimento do PIB entre 2013 e 2014. Nenhum país que registou maior certeza de políticas teve uma deterioração da sua posição relativa ao balanço externo.

StatLink  <http://dx.doi.org/10.1787/888933474968>

## Bibliografia

- Banco da Reserva Federal de St. Louis (2017), FRED Economic Data (base de dados), <https://fred.stlouisfed.org/series/PALLFNFINDEXQ> (consultado a 3 de fevereiro de 2017).
- Banco Mundial (2016), *International Debt Statistics* (base de dados), Banco Mundial, Washington, DC, <http://data.worldbank.org/data-catalog/international-debt-statistics>.
- CNUCED (2017), UNCTADstat (base de dados), Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, Genebra, <http://unctadstat.unctad.org/wds/TableView/tableView.aspx> (consultado em janeiro de 2017).
- CNUCED (2015), *World Investment 2015: Reforming International Investment Governance*, Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, Genebra, [http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/wir2015\\_en.pdf](http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/wir2015_en.pdf).
- FEM (2016), *Global Competitiveness Report 2016-2017*, Fórum Económico Mundial, Genebra, [www3.weforum.org/docs/GCR2016-2017/05FullReport/TheGlobalCompetitivenessReport2016-2017/FINAL.pdf](http://www3.weforum.org/docs/GCR2016-2017/05FullReport/TheGlobalCompetitivenessReport2016-2017/FINAL.pdf).
- FEM (2011), *Global Competitiveness Report 2011-2012*, Fórum Económico Mundial, Genebra, [www3.weforum.org/docs/WEF\\_GCR\\_Report\\_2011-12.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_GCR_Report_2011-12.pdf).
- FMI (2017), *World Economic Outlook: A Shifting Global Economic Landscape*, Fundo Monetário Internacional, Washington, DC, [www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2017/update/01/index.htm](http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2017/update/01/index.htm).
- Fundação Mo Ibrahim (2016), *2016 Ibrahim Index of African Governance: A Decade of Africa's Governance, 2006-2015*, Fundação Mo Ibrahim, Londres, [http://s.mo.ibrahim.foundation/u/2016/10/01184917/2016-Index-Report.pdf?\\_ga=1.98750809.639923930.1490631445](http://s.mo.ibrahim.foundation/u/2016/10/01184917/2016-Index-Report.pdf?_ga=1.98750809.639923930.1490631445).
- Ifo Institute (2017), *Ifo World Economic Survey (WES) I/2017*, CESifo Group Munich.
- McKinsey Global Institute (2016), *Lions on the Move II: Realizing the Potential of Africa's Economies*, McKinsey & Company, [www.mckinsey.com/global-themes/middle-east-and-africa/lions-on-the-move-realizing-the-potential-of-africas-economies](http://www.mckinsey.com/global-themes/middle-east-and-africa/lions-on-the-move-realizing-the-potential-of-africas-economies).
- McMillan M.S. e K. Harttgen (2014), "What is driving the 'African growth miracle'?", NBER Working Paper, No. 20077, abril de 2014.
- Pigato, M.A. e Tang, W. (2015), *China and Africa: Expanding Economic Ties in an Evolving Global Context*, Banco Mundial, Washington, DC.



From:

## African Economic Outlook 2017

### Entrepreneurship and Industrialisation

Access the complete publication at:

<https://doi.org/10.1787/aeo-2017-en>

#### Please cite this chapter as:

African Development Bank/OECD/United Nations Development Programme (2017), “Perspetivas macroeconómicas em África”, in *African Economic Outlook 2017: Entrepreneurship and Industrialisation*, OECD Publishing, Paris.

DOI: <https://doi.org/10.1787/9789264278707-4-pt>

This work is published under the responsibility of the Secretary-General of the OECD. The opinions expressed and arguments employed herein do not necessarily reflect the official views of OECD member countries.

This document and any map included herein are without prejudice to the status of or sovereignty over any territory, to the delimitation of international frontiers and boundaries and to the name of any territory, city or area.

You can copy, download or print OECD content for your own use, and you can include excerpts from OECD publications, databases and multimedia products in your own documents, presentations, blogs, websites and teaching materials, provided that suitable acknowledgment of OECD as source and copyright owner is given. All requests for public or commercial use and translation rights should be submitted to [rights@oecd.org](mailto:rights@oecd.org). Requests for permission to photocopy portions of this material for public or commercial use shall be addressed directly to the Copyright Clearance Center (CCC) at [info@copyright.com](mailto:info@copyright.com) or the Centre français d'exploitation du droit de copie (CFC) at [contact@cfcopies.com](mailto:contact@cfcopies.com).